Redação: Luke Negreiros, 10/12/2021

# Título

Uma narrativa densa e aterrorizante marca o livro “No olho da Ilha"

# Lead

Com mercado nacional aquecido por literatura de gênero, o escritor Luke Negreiros lança seu primeiro thriller de terror cósmico, uma obra que se equilibra na fronteira da loucura enquanto seu alter ego Antonin Blake desvenda todos os mistérios de uma ilha peculiar do litoral brasileiro.

# Press release

**Mas afinal, o mercado de livros no Brasil e no mundo vem diminuindo ou aumentando?**

Essa é uma pergunta que circula entre os livreiros, empresários do setor e a parte mais interessada nesse assunto: os leitores. É um questionamento justo, pois impacta diretamente o consumo de um setor que movimenta R$ 1 bilhão e meio (setembro/2021 – fonte SNEL). É uma pergunta justa, mas não de uma resposta simples.

Pelo prisma das grandes livrarias, o mercado retraiu contudo, depois de dois anos de pandemia, números apontam para uma retomada do setor. O Sindicato Nacional da Editora de Livros (SNEL) registrou a abertura de cerca de 60 novas livrarias no país somente no primeiro semestre de 2021. Isso representa, até setembro de 2021, vendas na ordem de 36,1 milhões de exemplares com um faturamento de R$ 1,52 bilhão, 34,8% maior do que em 2020. Uma retomada que se equipara ao ano de 2016 e 2017 pré-pandemia.

De acordo com a pesquisa “Retratos da Leitura” em parceria com o “Instituto Pro-Livro”, o número de livros lidos inteiros pelo brasileiro aumentou de 2,01 (em 2001) para 2,43 (2017) enquanto as grandes livrarias registram quedas e tempos de crise (queda real de faturamento da ordem de 4,76%).

A resposta, em parte, recai nos autores independentes e o mercado que eles representam; são autores que publicam livros que diferem do mercado editorial tradicional. Nesse âmbito, os autores independentes nos EUA já representam 30% dos best-sellers, assim sendo, é uma questão de tempo para que essa realidade se repita também aqui no Brasil.

# A importância do mercado independente

Não é só de vendas que se define o mercado independente. Ainda existe uma barreira a ser transposta no que diz respeito ao preconceito que sofrem autores e obras independentes. Superá-lo é um objetivo de longa jornada que já tem um marco a seu favor, em 2018 o vencedor do prêmio Jabuti foi justamente um livro independente.

No âmbito da auto-publicação, é notório o crescimento de autores que saem das suas escrivaninhas e máquinas de escrever (rs!) e se empenham em redes sociais, grupos de leitura, fóruns, concursos e afins para divulgar suas obras. Criar e manter leitores capazes de assumir um contato mais íntimo e direto com o objeto de seu interesse faz parte da rotina de qualquer escritor. Com essa medida, seria natural imaginar cada vez mais autores se especializando em gêneros e sub-gêneros antes isolados à nichos específicos. Com perfis de leitores muito bem definidos, porém menores em quantidade. Seria espontâneo que um autor passasse a dedicar não somente a escrita de um gênero em específico como o terror, por exemplo, mas se embrenhar nos sub-gêneros e deslocamentos ainda mais específicos e por grupo como slashers, *gialos*, horror cósmico, sobrenatural, monstros e tantos outros. Ou mesmo os chamados “deslocamentos de gênero” que são, de modo simplório, misturas de diversos gêneros como um drama somadas ás ameaças *splatters*, ou uma obra de terror com comédia, ou um thriller psicológico de terror cósmico com monstruosidades em ilhas remotas.

As combinações são tão férteis quanto a proliferação de novos autores nacionais e suas investidas cada vez mais específicas.

# Literatura de gênero

Antes sofrida com preconceitos, a literatura de gênero cresce em diversidade e acompanha o consumo também crescente de leitores. Essa crescente demanda precede e é indicativo para um aumento das publicações literárias independentes.

Nessa seara de literatura de gênero, o livro “No olho da Ilha” de Luke Negreiros surge com força; “No olho da Ilha” é uma obra que pretende suprir a demanda que se forma com o consumo dos grandes escritores e grandes obras do gênero terror. O livro de fato, utiliza-se das mesmas técnicas narrativas de autores consagrados, amplamente explorado por autores internacionais e difundidas em obras dos mais diversos setores do entretenimento mundial. Soma-se a isso, uma cultura nacional e o regionalismo da sociedade brasileira e você terá uma fórmula única de reconhecimento e entusiasmo.

Na impossibilidade de ler o novo livro de Stephen King no Maine, do próximo projeto de Andrew Pyper em Milburn, ou redescobrir os contos de Lovecraft em Arkham, “No olho da Ilha” surge como uma obra genuína do gênero que preenche os anseios dos leitores em consumir obras originais com tempero brasileiro.

Nessa remessa de produções originais, assuntos e temáticas fora do eixo cultural europeu e norte-americano ganham força. “No olho da Ilha” segue por um curso criativo de conteúdo nacional com a linguagem e a cultura regional utilizando os mesmos mecanismos narrativos presentes nas melhores produções do gênero. Essa demanda crescente já foi citada por executivos do entretenimento como Marcelo Tamburri (Space, Warner Channel, TCM e I.SAT) que deixa claro quando fala de uma transformação na criação e produção de originais dessa natureza na América Latina.

# Sobre o livro

Antonin Blake é um escritor que possui um livro de sucesso em sua carreira literária meteórica. Ele planeja sua segunda obra e quer superar o sucesso do primeiro livro. Ele se isola numa ilha para encontrar a estória que seria sua maior contribuição para o gênero terror cósmico.

Antonin logo revela seu apetite e conhecimento por crimes e assassinatos enquanto o policial encarregado demonstra inexperiência no assunto ao ser recém admitido na academia.

Antonin possui uma habilidade peculiar conhecida pelo termo ASEC; uma sigla para "Altered State of Elapsed Cognition" que consiste num Estado Alterado de Cognição Transcorrida, um poder psíquico de hipersensibilidade onde ele é capaz de reviver os últimos instantes de uma vítima brutalmente assassinada. Foi explorando essa aptidão que Antonin atingiu o sucesso com o primeiro livro.

Ambos partem para as investigações de um suposto serial killer e detalhes de antigos crimes voltam à tona num emaranhado de mistério e culto de uma ordem esotérica. Antonin deve superar seu mais profundo medo para dar fim às mortes e entregar a obra-prima do terror.

O livro "No olho da Ilha" relata um escritor que passou a vivenciar os assassinatos de suas obras e a levantar questionamentos sobre a realidade. A natureza do que conhecemos como *real* é apenas o resultado dos estímulos sensoriais que seus personagens também possuem: o estímulo da imaginação que molda o universo ao seu redor.

Antonin confronta sua lucidez para desvendar o que aconteceu com as vítimas de crimes cometidos na ilha e o que é produto de sua fantasia criativa. A estória do livro aborda ainda a temática dos sonhos como desejos reprimidos e os sacrifícios que fazemos para alcança-los.

***Quais os limites de sua ambição e o que Antonin estaria disposto a sacrificar?***

Todos nós temos desejos e sonhamos com eles; a busca e a conquista dos sonhos, sua realização. Porém, é o *modo* como os perseguimos que expõe nossa ética e nossa moralidade. É através desses valores que justificamos nossas ações através daquilo que fazemos.

Durante sua jornada de investigação e criação, Antonin se questiona: O que ele próprio estaria disposto a sacrificar para realizar seu maior sonho? Oferecer algo ou alguém, um ente querido em estado terminal? A própria sanidade?! O livre-arbítrio, o flagelo da cobiça ou a única coisa que seus demônios suscitam em ambição: sua alma? Pense no seu mais profundo desejo mundano e responda com toda a sinceridade: O que você tem para oferecer?

A obra "**No olho da Ilha**" já está disponível, somente no formato ebook:

no site da Amazon: <https://www.amazon.com.br/dp/B0B1CGLMW5>

no site Google Play: <https://play.google.com/store/books/details?id=cNFvEAAAQBAJ>

e no site Apple Books: <https://books.apple.com/us/book/no-olho-da-ilha/id6442891104>

# Entrevista

### **Como surgiu a idea para o livro?**

A ideia para o livro surgiu depois que eu assisti um documentário falando sobre caçadores de fantasmas de verdade e como eles poderiam existir. Era uma explicação, totalmente especulativa, claro, mas que eu adorei, sobre uma energia do corpo espiritual que ficaria impregnada nas coisas que tocamos; como uma espécie de chakra ou uma áurea irradiando em membros fantasmas a ponto de contaminar esses objetos e até mesmo lugares inteiros. Eu fiquei pensando num jeito novo de definir o que seriam *fantasmas,* uma definiçãoprática que vai além da figura cartunesca dos lençóis brancos ou mesmo espíritos perdidos, fruto do terror causado por religiões espíritas do oriente!

Passei a imaginar a possibilidade de alguém desenvolver uma sensibilidade para sentir o mesmo que uma pessoa morta havia sentido antes; através de seus objetos pessoais e uma espécie de contaminação dessa energia corporal. Sabendo que o terror é uma das mais fortes sensações que alguém pode experimentar, imagine a natureza de uma energia que se desprende quando ocorre uma morte brutal! Essa energia que emana dos corpos em agonia, à beira da morte, poderia contaminar tudo ao seu redor, e daí surgem histórias de objetos amaldiçoados ou casas mau-assombradas como ecos de um acontecimento atroz; como ondas reverberando na superfície da água do tempo. O nosso protagonista Antonin consegue reviver os último momentos de morte e dessa experiência, acabou criando um termo para essa habilidade numa tentativa de entende-la. Foi daí que surgiu todo o resto.

### **Qual o seu processo de escrita? Você já tinha a obra toda planejada ou foi escrevendo a medida que as ideias surgiam?**

Já tinha tudo planejado. Nesse livro eu escrevi todo o *outline* (que são as escaletas), o passo a passo de todo o enredo. Fiz porque eu gosto de fazer isso, dá aquele norte para cada elemento na cena ou no capítulo. Você sabe onde começar e para onde ele deve te guiar, o que transmitir naquela porção de texto, onde terminar... Me ajuda muito para dar aquele fechamento para o capítulo, aquele cliffhanger misterioso.

Apesar dessa aparente facilidade, para esse livro em especial, eu lembro que refiz o *outline* umas 5 vezes, do começo ao fim. Eu revisei o livro inteiro todas essas vezes. Lembrando que se trata do outline... a etapa anterior a escrita de fato. É um planejamento. Escrevi e reescrevi centenas de linhas dessa listagem de cenas, passagens e capítulos. Mudando, acrescentando detalhes, melhorando argumentos que não faziam sentido, outros que eram fracos, ou que não iriam convencer... esse livro foi o mais trabalhoso nesse sentido.

### **Você menciona utilizar técnicas de grandes autores. Quem são esses autores? Quais foram as suas inspirações?**

Lovecraft em primeiro lugar. Com certeza. Eu vinha de uma série de contos bem ao estilo lovecraftiano. Treinei nesses contos uma estilística própria, até chegar a um ponto em que eu poderia explorar os temas, a própria sintaxe narrativa defendida e estudada por outros autores. O que faz de fato um texto ser lovecraftiano?! Eu fui atrás dessas respostas e para não desapontar leitores do gênero, eu utilizei as convenções desse gênero: por exemplo, no livro você vai encontrar sociedades secretas, ocultismo, uma base (pseudo)científica nas habilidades do protagonista, criaturas além da nossa compreensão... Tem tudo isso, claro! Como bem defendido pelo próprio Lovecraft: o verdadeiro terror vem daquilo que nos é desconhecido. E também uma abordagem importante sobre o terror cósmico como sendo aquilo que "vem de fora”, o "estrangeiro" e desconhecido, que muitos interpretam como alienígena (e com razão), mas eu também coloquei isso no personagem; Antonin é um cara que veio de fora, um *outsider* que chega numa ilha e começa a revirar seus mistérios, a cultura local e nos costumes. Que habitante não iria se questionar "*quem é esse cara e o que ele quer com a gente?"*

### **Existe mesmo essa história que um objeto, no caso a ilha, pode ser considerado um personagem?**

Eu não entro em discussões se pode ou não. Se é ou não é. Não me importo. O que vale é o modo como você explora isso; o modo como isso aparece no texto. No meu caso, a ilha possui um “lago dos cadáveres”, por exemplo, é onde corpos se acumulam após uma desova qualquer no mar e pela maré, acabam desembocando numa cavidade no interior da ilha. Para mim, isso se assemelha a um estômago de algum animal qualquer e assim eu o descrevo. Acho que esse modo de enxergar aproxima a ilha dessa função, o. De um personagem. E assim eu sigo descrevendo-a; ela tem uma garganta que a corta de ponta a ponta, com bocas e cavidades internas. Podemos imaginar até mesmo olhos ou dedos; quem sabe um coração? Se assim fosse, fico imaginando como seria seus anceios e desejos? Como seria a sua alma?

### **Alguma vez sentiu que tudo já foi inventado ou já foi contado?**

Infelizmente sinto isso, sim. Não acredito que isso seja verdade, em toda a sua completude, mas as vezes sinto que muito do que está sendo criado já foi escrito e agora é reescrito. Acho até inevitável isso - aquela máxima que tudo o que você escreve é uma mistura das últimas 10 coisas que você leu, ou assistiu, ou gostou. Acredito nisso, sim. Porém a criatividade para mim, é a capacidade de encontrar relações novas com coisas isoladas, relacionar essas coisas de um modo que as pessoas normalmente não enxergam; até você contar para elas e aí, só depois, passam a ser óbvias e a fazer parte desse hall de estórias já contadas.

A melhor analogia que posso fazer é uma carreira acadêmica em que você precisa estudar muito outros acadêmicos anteriores a você, saber tudo o que eles fizeram, para depois e somente assim, contribuir com alguma coisa. E após ler muito e escrever muito é que você pode ter um vislumbre de criatividade e avançar uma casinha a mais.

Por isso eu acredito que eu possa escrever utilizando as mesmas ferramentas e técnicas de grandes obras internacionais, mas buscando um forma diferente de lidar com conflitos, dilemas, desejos... No sub-gênero isso fica, acredito, ainda mais difícil. Quando se lê um terror cósmico, por exemplo, o público espera convenções desse tipo de terror, como seitas, loucura, ameaças externas... Abrir mão delas, em nome de uma criatividade e o ineditismo, poderia frustra-las. Acredito que a criatividade pode residir no “como” elas são abordadas e não se elas são clichês ou não pelo simples fato de existirem.

### **O livro fala de um escritor escrevendo um livro, até que ponto você explora a metalinguagem?**

Não exploro. Uma das coisas que eu coloquei como baliza é o uso da metalinguagem como muleta narrativa. Ter um escritor que fica falando como é escrever ou o como se escreve, acho que é um forte indício de amadorismo. Como aquele filme que fica falando de como o diretor fez aquilo que está sendo filmado. É quase um apelo, um suplício de quem pede "por favor, olhem para mim. Olhe como eu sei escrever". Eu até ironizo isso no texto com uma breve passagem, logo no início, quando parece que Antonin vai falar sobre o processo de escrita dele e ele mesmo ironiza. Ele tira uma onda falando que não está passando por um bloqueio de escritor (conflito muito utilizado por autores quem não sabe como criar um); dizendo que isso não existe… e o diálogo segue. Ele desdenha quando alguém o questiona sobre isso. É uma única passagem de metalinguagem que ironiza o processo de escrita.

### **Mas você acredita em bloqueio de escritor?**

>risos< Não! Realmente não acredito. Quando se tem domínio de alguma coisa você vai lá e faz. Talvez você ainda não saiba em que canto vai bater o pênalti, mas sabe como fazer isso. E se ainda tiver bloqueio de escritor é porque não tem domínio do que faz, é preciso preencher algumas lacunas.

### **Quando você não têm ideias, o que você faz? Onde procura saídas para dúvidas do que escrever ou que caminho tomar?**

As ideias surgem das mais diversas formas. As vezes é um simples diálogo que você escuta num filme e responde em sua cabeça de maneira diferente. Aí surge aquele pensamento: “Putz, eu faria diferente!". Pois não seja por isso, pegue um papel e faça diferente. As vezes é o desenrolar inteiro de uma trama.

Uma certa vez eu achei que a estória iria para um caminho e foi para outro completamente diferente. Eu anotei a minha ideia e depois de um tempo passei a desenvolve-lo. Ficou com a mesma premissa? Sim, ficou, mas com um desenvolvimento completamente diferente. Não vejo problema nisso.

### **O que esse livro tem de diferente dos outros?**

Apesar de usar os elementos comuns a que se espera de um terror cósmico, meu desafio foi trazer algo novo, criativo para as mesmas questões tratadas nesse tipo de terror. Para isso, procurei delimitar o que define as muletas narrativas, o domínio do gênero e as convenções desse gênero. Esse assunto por si só, daria um discussão gigantesca, mas para ser breve, eu cheguei a conclusão que o clichê é a mesma resposta para as mesmas perguntas.

Funciona assim: ao escolher um gênero, surgem perguntas inerentes a esse gênero que são as “convenções de gênero”. Por exemplo, no gênero crime você precisa responder quem é o criminoso, quem faz o papel de detetive, quem é a vitima, o motivo... São perguntas essenciais, que pertence ao gênero. O modo como você vai responde-las é que determina se você cai no clichê ou não. Caso responda essas perguntas do mesmo modo que todos os outros autores antes de você, do mesmo modo que todas as obras respondem, então fatalmente você cairá no clichê.

O que eu procurei em "No olho da Ilha" foi responder de modo diferente e criativo questões como o ocultismo, fantasmas, sacrifício, a xenofobia que o autor sofre, sua habilidade, como ele lida com isso, seus conflitos e a metáfora do abismo que está presente em sua psique. Todas essas questões possuem, de alguma forma, uma apresentação diferente das obras e autores que formaram minha inspiração.

# sinopse:

Antonin Blake é um escritor que deseja superar o sucesso do seu primeiro livro. Ele se isola numa ilha quando os assassinatos de sua obra ganham vida e ameaçam os habitantes daquele paraíso. Em meio às investigações e usando um poder psíquico único, Antonin se coloca no centro dos acontecimentos.

Antonin é conhecido como um transgressor, um artista egocêntrico vítima do próprio poder de reviver os últimos momentos de uma vítima brutalmente assassinada. É com essa hipersensibilidade que Antonin consegue mergulhar em alucinações crescentes que desafiam a lógica, colocando-o à beira da loucura; Contudo é a sua fonte de inspiração e origem de toda a sua capacidade de criar. Ao desenrolar sua obra, ele deve superar seu mais profundo medo para dar fim às mortes na ilha e entregar a obra-prima do terror psicológico.

# Autor:

Luke Negreiros é autor independente, pós-graduado em literatura e artes aplicadas, foi professor de redação na Universidade Anhanguera Educacional e vencedor do III Concurso Cultural de Microcontos no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Câmpus Araraquara. Nascido e criado no interior de São Paulo por quase toda sua vida, cresceu sob forte influência da ficção científica e quando adulto, seguiu cultivando o desejo genuíno em escrever suas próprias histórias.

“No olho da Ilha” é sua obra de terror cósmico, uma sequência de trabalhos anteriores com uma série de contos lovecraftianos. Luke Negreiros já publicou, também como autor independente, outros gêneros como "Sertão & Feitiçaria" uma fantasia sombria, "Um estudo em Amarelo" uma releitura da obra de Monteiro Lobato, "Nightmare Project" outro livro de terror e "Meu querido e inesperado amigo" um drama.

# Contato:

Luke Negreiros

amazon: https://www.amazon.com.br/dp/B0BFVW3SHJ

medium: https://lukenegreiros.medium.com/

facebook: https://www.facebook.com/LukeNegreiros

instagram: @luke\_negreiros/

twitter: @lucianonegreiro

Pinterest: https://br.pinterest.com/lukenegreiros/\_saved/